

# Projeto de Pesquisa

## *Limites da Linguagem em Heidegger e Wittgenstein*

**Thiago Aquino**

“A linguagem é uma possibilidade humana variável e livre em seu uso. Para o homem a linguagem não é apenas variável no sentido de que há outras línguas que ele pode apreender. Ela é variável em si mesma porque contém possibilidades distintas de expressar a mesma coisa.”<sup>1</sup>

### **1. Resumo**

A temática central deste trabalho consiste no problema geral da determinação dos limites da linguagem, do dizível, do expressável. A própria formulação do problema e a tentativa de solucioná-lo desenvolvidas pelas obras filosóficas de Heidegger e Wittgenstein não apenas aponta para existência de experiências, que aparentam situar-se do outro lado da fronteira do comunicável lingüísticamente, mas é também motivada e impulsionada pela convicção de que essas experiências dizem respeito aos elementos fundamentais da vida humana. A realização desse projeto filosófico de herança eminentemente kantiana divide-se em dois momentos centrais, que devem ser reconstruídos em sua estrutura conceitual e estratégia argumentativa: (i) A determinação dos limites circunscreve *positivamente*, num primeiro movimento, uma esfera de objetos tematizável no quadro das investigações científicas e filosóficas tradicionais. A primeira consequência da delimitação dos limites consiste, portanto, na exposição explicativa dos primeiros pressupostos de toda atividade teórica em geral, sejam esses: lógico-transcendentais, lógico-semânticos ou ontológicos. (ii) Num segundo movimento, menos óbvio e por isso mesmo mais problemático, a determinação dos limites do dizível indica *negativamente*, num gesto duplo de direcionamento e recusa, uma esfera que “escapa” as possibilidades de apreensão fundadas nos pressupostos expostos no primeiro movimento. Esse gesto ambivalente exercido no interior de

---

<sup>1</sup> Gadamer, H.G., *Wahrheit und Methode*, Hermeneutik I, Gesammelte Werke, vol. 1, Tübingen, Mohr Siebeck, 1999, p.499. Salvo indicação contrária todas as traduções são minhas.

um discurso filosófico de sentido inédito visa resguardar essa esfera, tanto das tentativas ilegítimas de acesso desenvolvidas a partir do horizonte aberto pelos pressupostos próprios da esfera do dizível, quanto do risco constante de encobrimento e esquecimento, a que essa esfera está sujeita. A pesquisa pretende determinar em que medida esses dois movimentos se completam argumentativamente no processo de determinação dos limites.

## 2. Introdução e Justificativa

Num artigo programático intitulado *Wittgenstein e Heidegger: A Questão sobre o Sentido do Ser e a Suspeita de Ausência de Sentido contra toda Metafísica* publicado em 1973, Karl-Otto Apel tenta estabelecer aproximações entre Wittgenstein e Heidegger. O artigo foi escrito num contexto em que a possibilidade de uma análise comparativa entre esses pensadores ainda despertava estranhamento, o que exigia reflexões preliminares sobre os motivos que poderiam não só animar como também justificar tal empreendimento. A importância inegável e a presença constante de ambos filósofos na discussão contemporânea não encobria o fato de que sua representatividade era reconhecida em “domínios muito diferentes da filosofia moderna, reciprocamente fechados hermeticamente.”<sup>2</sup> De fato qualquer tentativa de análise comparativa entre as perspectivas filosóficas de Wittgenstein e Heidegger via-se confrontada com a temática mais ampla da relação entre as filosofias continental e analítica. A mediação buscada não dizia respeito apenas a questões metódicas e temáticas, mas também a diferenças culturais entre a Europa e os países anglo-saxões. Apel cita a ausência de debates entre os principais representantes dessas tendências como índice da quase intransponível distância entre os mundos filosóficos sustentados por essas tradições, em certa medida já anunciando a necessidade de construir um ponte entre essas duas esferas separadas. Essa ausência de intercâmbio pode ser documentada pelas parcas

---

<sup>2</sup> Apel, K.-O., Wittgenstein und Heidegger: Die Frage nach dem Sinn von Sein und der Sinnlosigkeitsverdacht gegen alle Metaphysik, in: *Transformation der Philosophie I: Sprachanalytik, Semiotik, Hermeneutik*, Frankfurt am Main, 1973, p. 225.

referências encontradas nas obras de Wittgenstein e Heidegger sobre os questionamentos levantados no pensamento do outro.

As poucas referências encontradas são citações feitas em situações de diálogo, o que lhes retira o caráter detalhado próprio das interpretações desenvolvidas com base na leitura cuidadosa dos textos. Isso não nos impossibilita, no entanto, de tentar retirar desses comentários indicações primeiras sobre os temas que despertaram a atenção de ambos filósofos e que podem fornecer a base inicial para uma paralelização de suas perspectivas filosóficas. Aparentemente ambos autores conseguiram, a partir de suas perspectivas específicas, romper a suposta barreira entre as tradições alcançando imediatamente a problemática central desenvolvida pelo outro. De fato, Wittgenstein demonstrou em uma conversa com membros do Círculo de Viena não apenas compreender os temas centrais de *Ser e Tempo*, mas também o ímpeto condutor dessa obra ao comentar: “eu posso pensar bem, o que Heidegger quer dizer com ser e angústia. O homem tem a tendência de se lançar contra os limites da linguagem.”<sup>3</sup> O comentário é ambíguo na medida em que reconhece os fenômenos para os quais a analítica existencial *acena*, ao mesmo tempo em que vê nesse gesto de aceno um ultrapassamento ilegítimo dos limites do dizível. Um ultrapassamento, afirma Wittgenstein, que deve ser motivado essencialmente por inquietações éticas. Esta leitura está de acordo com a determinação dos limites do dizível estabelecida no *Tractatus Logicus-Philosophicus*, onde Wittgenstein mantém uma esfera do “real” para além da efetividade do mundo dos fatos afiguráveis. Como esse domínio, que não pode ser tematizado lingüísticamente, concerne os “problemas da vida” (6.52), o impulso de formulá-los como problemas de investigação filosófica possui uma raiz ética, que deve também estar na base dos esforços heideggerianos de quebrar com essas restrições impostas pela estrutura lógica da linguagem. De fato, uma das teses centrais da analítica existencial consiste na afirmação de que o ente humano existe de tal modo, que tem-que cuidar de seu próprio ser. A vida pode até fugir de si mesma, mas não pode viver indiferentemente, o modo de ser próprio do homem é o cuidado.

---

<sup>3</sup> Wittgenstein, L., *Wittgenstein und der Wiener Kreis*, in: Werkausgabe, vol. 3, Frankfurt am Main, 1984, p. 68.

Em oposição central à leitura simpática de *Ser e Tempo* por Wittgenstein não podemos encontrar uma leitura semelhante do *Tractatus* feita por Heidegger. Com efeito num seminário ministrado em Le Thor em 1969 Heidegger utiliza umas das teses centrais do *Tractatus* como ilustração da perda da experiência grega do ente, característica de nossa época: “Para nós o ente no seu todo – *ta onta* – é apenas uma palavra vazia. Para nós não há mais aquela experiência do ente no sentido grego. Ao contrário, está dito em Wittgenstein: ‘efetivo (wirklich) é o que é o caso’ (o que significa: aquilo que cai sob uma determinação, o que se deixa constatar, o determinável). Verdadeiramente uma frase fantasmagórica.”<sup>4</sup> Esse comentário conciso deixa entrever que Heidegger identifica na ontologia tractariana uma redução da multiplicidade dos modos de ser do ente a um único modo de ser. Esse nivelamento irrestrito da totalidade do ente à totalidade dos fatos liga-se a não menos irrestrita redução da linguagem a sua função representativa.

Heidegger não demorou em perceber, em parte com base nas críticas carnapianas à tematização do nada desenvolvidas na aula inaugural *O que é Metafísica?*, a existência de uma conexão essencial entre a objetificação do mundo iniciada pela modernidade e as concepções correntes da linguagem.<sup>5</sup> É nesse contexto específico, no qual a linguagem se tornou um “instrumento de dominação sobre o ente”<sup>6</sup>, que Heidegger lê o primeiro Wittgenstein. Caso não seja preparada uma *nova relação com a linguagem* o pensamento do ser permanecerá prisioneiro de uma ontologia redutora e objetificante. Isso pode ser atestado no próprio *Tractatus*, pois o percurso da exposição (ordem de apresentação) dos aforismos no *Tractatus* não deve encobrir o percurso invertido que determinou o processo de elaboração (ordem de descoberta) das concepções do livro, não da ontologia para a lógica, mas ao contrário.<sup>7</sup> Nesse contexto não há

---

<sup>4</sup> Heidegger, M., *Vier Seminare*, Frankfurt am Main, 1977, p. 65. Evidentemente o Heidegger refere-se aqui ao primeiro aforismo do *Tractatus*: “O mundo é tudo, que é o caso.” A citação imprecisa não implica nenhuma desvirtuação do sentido do aforismo, uma vez que a identidade entre efetividade (Wirklichkeit) e mundo pode ser reconstruída a partir do aforismo 2.063.

<sup>5</sup> Sobre a crítica de Carnap ver: Carnap, R., *Die Überwindung der Metaphysik durch logische Analyse der Sprache*, in: *Erkenntnis* 2, 1932, S. 219-241.

<sup>6</sup> Heidegger, *Brief über den ‘Humanismus’*, in: *Wegmarken*, GA 9, Frankfurt am Main, 1996, p.318.

<sup>7</sup> Que a determinação da essência da proposição foi a base para o desvendamento da essência do mundo, pode ser lida na observação feita nos *Diários* (2.8.16): “Sim, meu trabalho se estendeu dos fundamentos da lógica para a

nenhuma indicação de que Heidegger considere a tensão tractariana entre vida e ciência como saída para essa perda da experiência grega da totalidade do ente.<sup>8</sup> Ao exigir a preparação de uma nova relação com a linguagem, Heidegger sublinha como passo fundamental nessa direção a recusa dos critérios próprios da linguagem pictórica-objetificante dos enunciados teóricos. Esses critérios não podem ser tomados como a medida segura para estabelecimento dos limites do dizível, pois são constitutivamente redutores e encobridores de novas formas de expressão contidas na linguagem. Caso lidas como sugerido acima, pode-se afirmar que ambas referências feitas pelos filósofos apontam, cada uma ao seu modo, para *o problema fundamental da delimitação dos limites da linguagem*, remetendo assim a discussão entre Wittgenstein e Heidegger à tradição kantiana. Enquanto o primeiro Wittgenstein exige uma *restrição da linguagem a sua função afigurante (representativo-objetificante)*, com o conseqüente silêncio sobre o não-afigurável, o Heidegger de *Ser e Tempo* exige uma *restrição da função afigurante da linguagem*, com a conseqüente análise de outras potencialidades expressivas da linguagem.

É fácil ver que essa ligação com a tradição kantiana através da problemática dos limites não é de nenhuma forma casual ou restrita a esses dois autores, pois temos que concordar com Rorty, em parte levando em consideração a divisão de águas produzida na modernidade pela virada copernicana, quando ele afirma que a *linguistic turn* “foi uma tentativa de encontrar um substituto para o ponto de vista transcendental de Kant.”<sup>9</sup> Nesse sentido, se é verdade que o criticismo kantiano permanece uma inspiração para a formulação dos projetos filosóficos desenvolvidos por Wittgenstein e Heidegger, os elementos kantianos identificados nos textos fundamentais desses autores já implicam e são resultados de um processo de transformação

---

essência do mundo.” Ver. Wittgenstein, L., *Tagebücher 1914-1916*, in: Werkausgabe, vol.1, Frankfurt am Main, 1984. p. 174.

<sup>8</sup> Brian McGuinness relata uma história que confirma esse distanciamento heideggeriano. Comentando o ceticismo wittgensteiniano frente a ciência e ao progresso moderno comenta McGuinness: “Através dessa atitude cética ele não se torna de nenhum modo aliado de Heidegger. Heidegger por sua vez não o tomava por um aliado: quando um estudante foi até ele e se apresentou como sobrinho de Wittgenstein, ele disse: ‘Esse positivista crasso!’ Essa reação deve ser levada em consideração, quando a presença (anunciada a pouco como uma descoberta) do *Tractatus* na biblioteca do Heidegger é discutida.” (McGuinness, Brian u.a., *Der Löwe spricht... und wir können ihn nicht verstehen*, Frankfurt am Main, Suhrkamp, 1991, p. 9)

<sup>9</sup> Wittgenstein und Heidegger und die Hypostasierung der Sprache, in: McGuinness, Brian u.a., *Der Löwe spricht... und wir könne ihn nicht verstehen*, Frankfurt am Main, Suhrkamp, 1991. p. 69.

radical mediado pela descoberta da função constituidora da linguagem na nossa relação com mundo. É justamente em relação a essa transformação da tradição kantiana de pensamento que Apel encontra também o ponto de encontro das filosofias de Wittgenstein e Heidegger, tanto no que diz respeito a possíveis convergências temáticas, quanto à referência constitutiva e inevitável dessas filosofias ao “nosso tempo.” Essa referência do pensamento de Heidegger e Wittgenstein ao nosso tempo é – acredita Apel – uma das motivações fundamentais para sua tentativa de superar as oposições iniciais entre os campos filosóficos no qual foram situados Wittgenstein e Heidegger. A contraposição entre a analítica existencial heideggeriana e as investigações gramaticais wittgensteinianas possui uma função heurística, na medida em parece oferecer uma “chave para uma compreensão mais profunda da estrutura espiritual da nossa época.”<sup>10</sup> Já não é mais do que evidente, de que a nossa época está marcada pela crise do projeto moderno, sem que as críticas radicais antimodernistas tenham conseguido definir o traço característico dessa nova condição constituída pela crise, ou seja, sem que a indeterminação entre “pós-moderno” e “revisão do moderno” tenha sido superada. Aparentemente trata-se de um empasse histórico, não superável em termos puramente conceituais, o que condena o pensamento a movimentar-se continuamente no interior dessa tensão entre modernidade e uma possível abertura a algo outro. É nesse sentido, que as filosofias heideggeriana e wittgensteiniana podem ser lidas: tomando como foco central o abandono do primado epistemológico dos atos mentais próprio cartesianismo através de uma radicalização e aprofundamento da crítica kantiana da razão sob a forma de uma crítica do sentido.

Posto nesses termos, mesmo acompanhando as diversas fases da obra desses autores, um estudo comparativo terá que concentrar inicialmente a análise nas obras do primeiro Heidegger e do Wittgenstein tardio. Na segunda fase do seu pensamento, Wittgenstein chega por caminhos diferentes a mesma intuição de que a compreensão da linguagem centrada na função pictórica-objetivante do enunciado teórico, ainda defendida no *Tractatus*, implica uma redução inaceitável

---

<sup>10</sup> Apel, K.-O., Wittgenstein und Heidegger: Die Frage nach dem Sinn von Sein und der Sinnlosigkeitsverdacht gegen alle Metaphysik, in: *Transformation der Philosophie I: Sprachanalytik, Semiotik, Hermeneutik*, Frankfurt am Main, 1973, p. 225.

das dimensões da linguagem, não porque encobre a essência apofântica da linguagem, como defenderá Heidegger, mas porque absolutiza apenas um dos jogos possíveis da linguagem. A partir dessa convergência inicial entre a analítica existencial e as investigações gramaticais é possível reconstruir uma crítica a primeira fase da filosofia analítica, o que inclui o *Tractatus Logico-philosophicus*. Numa reação crítica contra a redução ilegítima da linguagem ao seu aspecto teórico-pictórico ambos filósofos tentaram descrever as *conexões pré-teóricas entre a linguagem e a vida cotidiana*, pondo a mostra a riqueza de possibilidades expressivas soterradas pelo ideal lógico de exatidão e clareza e pelos padrões científicos de objetividade. Essa conexão entre linguagem e vida cotidiana servirá de ponto de partida deste trabalho de pesquisa para o desenvolvimento das problemáticas paralelas: delimitação dos limites do expressável e determinação de outros modos possíveis de expressão.

A convergência alcançada, na crítica ao primado do enunciado teórico na reflexão sobre a linguagem e na descrição da conexão dessa última com a vida cotidiana, não supera uma diferença decisiva que permanece distinguindo as tentativas desenvolvidas pelos autores de tematizar essa conexão. Antes de mencioná-la, cabe de início ressaltar os elementos comuns entre Wittgenstein e Heidegger na descrição das relações entre a vida cotidiana e o papel que a linguagem desempenha no interior desta última. Em *primeiro lugar* a linguagem é concebida como um instrumento, por exercer diversas funções em diferentes contextos. Essa tese não se refere a concepção tradicional da linguagem, segundo a qual esta seria apenas um instrumento para expressão de pensamentos formados numa esfera pré- ou não-lingüística para referir-se a um conjunto de objetos dado num mundo independente da linguagem. Ao contrário disso, Wittgenstein e Heidegger abandonam, com a tese de que “a linguagem é um instrumento”<sup>11</sup>, o primado da razão teórica sobre os envolvimentos práticos com o mundo circundante e concebem a linguagem a partir de sua inserção na vida cotidiana.

---

<sup>11</sup> Ver. Wittgenstein, *Philosophische Untersuchungen*, in: Werkausgabe, vol.1, Frankfurt am Main, 1984, §§ 11,14, 569; Heidegger, *Sein und Zeit*, Tübingen, 2001, p.161.

Esse abandono está fundado em *segundo lugar* na intuição fundamental sobre uma tendência própria do cotidiano, de se manter sob o manto da obviedade enquanto pano de fundo não tematizável. A compreensão de que as relações básicas entre cotidiano e linguagem estão encobertas para o próprio cotidiano é, de um lado, o impulso primeiro para a exigência de análises descritivas das estruturas constitutivas (hermenêutica da facticidade/investigações filosóficas) e, de outro, o fundamento da suspeita contra a auto-compreensão vigente nesse nível de interpretação. A filosofia vê-se forçada, em contraposição a tendência própria do cotidiano de permanecer inacessível a si mesmo, a encontrar métodos de descrição que tanto escapem do encobrimento do cotidiano, quanto da tentação de recorrer a enunciados teóricos na descrição das relações práticas entre linguagem e mundo.

No entanto, enquanto Heidegger ao examinar a estrutura ontológica da vida cotidiana ensaia um ultrapassamento crítico do cotidiano pela filosofia, Wittgenstein toma o uso habitual das palavras como solo seguro para uma recusa terapêutica dos problemas filosóficos., como se fosse possível retornar a ágora grega e impedir Sócrates de incomodar os atenienses nas suas atividades quoditianas com suas perguntas embaraçosas: “Nós reconduzimos o emprego metafísico das palavras de volta ao seu emprego cotidiano”(IF § 116). Nesse sentido comenta Stern: “Wittgenstein comparou uma vez o filósofo debatendo-se com um problema filosófico com alguém que tenta abrir um porta fechada, mas não trancada, empurrando-a na direção errada. Mas ao invés de defender um sistema alternativo aos conceitos tradicionais da existência humana, como fez Heidegger, ele considerou que a tarefa da filosofia deveria ser a de nos reconduzir aos conceitos que estão presentes da nossa linguagem comum.”<sup>12</sup>

Em direção contrária a essa recondução, a analítica existencial não toma a cotidianidade e o horizonte de sentido constituído nessa esfera das atividades práticas como último. Há uma tensão na analítica existencial entre a cotidianidade mediana, que constitui o solo fenomenológico inicial de descrição e o progressivo abandono dessa esfera a partir de fenômenos existenciais, que

---

<sup>12</sup> Stern, D., “Heidegger and Wittgenstein on the Subject of Kantian Philosophy”, in: David E. Klemm/Günter Zöller (org.), *Figuring the Self: Subject, Absolute, and Others in Classical German Philosophy*, Albany, 1997, p. 254.

quebram com a familiaridade própria da vida esquecida de si da existência imprópria. Essa tensão não foi vista e nem desenvolvida pelos intérpretes que encontram equivocadamente em Heidegger um certo tipo de pragmatismo, cotejando *Ser e Tempo* com as *Investigações Filosóficas* na expectativa de que as concepções de ser-no-mundo e jogos de linguagem se completem. A análise comparativa entre os dois filósofos tem que ser repensada em vista dessas posturas diferenciadas sobre o *status* do horizonte de sentido próprio do cotidiano.

Na verdade, esse horizonte de sentido no qual se movimenta a vida cotidiana é superado em *Ser e Tempo* em diversas direções, que culminam na concepção de que todo e qualquer horizonte de sentido funda-se em temporalizações da existência humana. No que diz respeito a linguagem, pode-se afirmar que há em *Ser e Tempo* uma dependência dos aspectos pragmáticos a aspectos mais fundamentais de abertura do mundo de significações. Para dar conta dessa dependência a linguagem enquanto tal é tematizada a partir da distinção entre linguagem e discurso (Sprache/Rede). A linguagem, nesse sentido estrito, diz respeito as línguas históricas, nacionais, particulares, que sempre se desenvolvem no interior de um mundo constituído significativamente na abertura da compreensão de ser. A linguagem aparece aqui enquanto ente intramundano com caráter instrumental, preenchendo a *função comunicativa* entre falantes em contextos práticos particulares.

Heidegger defende a tese, de que essa função comunicativa, a dimensão primeira da linguagem para uma perspectiva pragmatista, assenta em última instância num fundamento existencial-ontológico constitutivo da existência humana que é o discurso. O termo *Rede* (discurso) é a tradução heideggeriana do conceito grego de *logos* em sua dimensão apofântica, manifestante, reveladora. É essa *função descobridora* da linguagem que constitui o sentido, na medida em que articula a significância do mundo anteriormente a toda verbalização lingüística, concedendo a base para todos os outros aspectos e funções da linguagem. Essa distinção entre linguagem e discurso mostra uma oscilação em *Ser e Tempo* entre aspectos ônticos e ontológicos da linguagem, aparecendo simultaneamente enquanto instrumento intramundo e enquanto

elemento central na constituição do mundo. Essa oscilação contém uma tensão que levará o pensamento heideggeriano a afirmar mais claramente a dimensão constituidora da linguagem assentada na sua *função descobridora* como função fundamental. Tomando como ponto de partida as conexões pré-teóricas entre a linguagem e a vida cotidiana é possível reconstruir os percursos divergentes traçados por Wittgenstein e Heidegger (recondução/ultrapassamento), buscando determinar mais detalhadamente as tensões conceituais entre a tentativa de determinação da essência da linguagem a partir da abertura do mundo (*Welterschließung*) realizada pelo discurso, que Heidegger irá descrever em estudos fenomenológicos cada vez mais detalhados na sua obra tardia, especialmente no *A Caminho da Linguagem*, e a recusa do segundo Wittgenstein em indicar os traços gerais da linguagem tendo em vista a sua dispersão em múltiplos jogos de linguagem, descritos unicamente através de semelhanças de família.

A diferença básica que permanece apesar das convergências apontadas, apresenta-se como resultado do deslocamento do foco de análise que Wittgenstein realizou ao definir a linguagem como o uso regrado de palavras inseridas em formas de vida específicas. A análise dos jogos de linguagem volta-se *primordialmente* para o aspecto do uso constituidor de sentido e mantém em segundo plano os aspectos que dizem respeito a relação entre linguagem e mundo. Nesse contexto deveria ser repensada a relação entre linguagem e mundo, independente da função particular que proposições científicas possam ter no interior dessa relação. O próprio ato descritivo que analisa as conexões entre vida cotidiana e linguagem exigem uma reflexão sobre a pergunta: que uso é esse da linguagem, que não é científico e nem meramente cotidiano, e que é exercido nas investigações gramaticais? Será que não se anuncia aqui um possibilidade da linguagem capaz de mostrar, revelar, por manifesto, sem objetificar? A resposta heideggeriana seria positiva, o que torna compreensível seu esforço, que se desenvolve desde *Ser e Tempo* até suas obras tardias, em expor essa dimensão da linguagem. Nessa pesquisa será investigado esse percurso desde o cotidiano até as análises fenomenológicas da essência da linguagem, que

restringem e limitam tanto a linguagem da ciência, como abandonam a esfera pragmática do cotidiano, buscando através de um diálogo com a poesia uma *nova relação com a linguagem*,

### 3. Objetivos

O objetivo central da pesquisa é determinar as estratégias argumentativas apresentadas em ambas filosofias contra a tese da redução da linguagem a um instrumento lógico no interior da atividade científica. O *primeiro problema* a ser desenvolvido concerne a questão: Em que medida o uso afigurante (representativo, objetivante) da linguagem apresenta limites? Os limites da linguagem objetificante são idênticos com os limites do dizível? A resposta deste problema exige a indicação do *fundamento* dos limites da linguagem, que deve ser encontrado no interior da própria linguagem e não no modo de ser próprio das experiências que permanecem do outro lado do limite. Nesse sentido, a determinação dos limites refere-se diretamente a uma análise da estrutura intrínseca da linguagem em geral. Essa análise terá como consequência, tanto em Heidegger como em Wittgenstein, uma passagem da determinação dos limites do enunciado teórico para uma descrição das conexões pré-teóricas entre a linguagem e a vida cotidiana.

O *segundo problema* a ser tematizado refere-se a seguinte questão: há indicações de que a linguagem contém em si mesma a possibilidade de outros modos de expressão, que escapem a inevitável objetificação própria das proposições científicas? Que outros modos de expressão são esses e de que modo eles podem exercer um fio condutor para a pretensão filosófica de tematizar a vida? A menção constante da vida não é casual, pois não há dúvida de que a expectativa de que hajam aspectos e usos não-objetificantes na linguagem funda-se na experiência fundamental de que há aspectos centrais da existência humana ou da vida, que escapam ou são inacessíveis ao uso científico da linguagem. Penso em especial aqui em formas de experiência não-teórica como as estética e religiosa e naquilo que Karl Jaspers denominou de situações limite (*Grenzsituationen*), como a morte, doença e solidão. Nesse sentido trata-se de perguntar de que modo esses aspectos

constitutivos da existência humana podem ser tematizados numa descrição filosófica, sem que sua estrutura ontológica específica seja ignorada.

#### **4. Plano de trabalho e Cronograma de execução**

Início da bolsa: junho/ 2007

Primeiro semestre: levantamento bibliográfico e leitura dos textos.

Segundo semestre: redação do relatório final sobre os resultados da pesquisa.

#### **5. Material e Métodos**

Enquanto pesquisa circunscrita no âmbito das ciências humanas, o material necessário para o desenvolvimento do trabalho se restringirá aos textos pertinentes ao debate, determinados num levantamento bibliográfico do qual a bibliografia apresentada abaixo representa uma primeira amostra. Este trabalho de pesquisa se guiará pelas regras gerais de toda pesquisa filosófica: contextualização histórica, análise crítica da argumentação e delimitação dos conceitos centrais. A análise interpretativa dos textos visa um estudo comparativo das obras filosóficas de Heidegger e Wittgenstein guiado por problemas filosóficos que determinam em parte a discussão contemporânea. Em função da problemática esboçada acima a relação entre os dois pensadores será desenvolvida numa perspectiva histórica, levando-se em consideração, de um lado, a totalidade da obra de cada um (desenvolvimento, mudanças e crises) e , de outro lado, a relação dessas obras com a atualidade. O objetivo primeiro da análise comparativa é detectar não apenas os pontos de contato significativos, mas principalmente as discordâncias e tensões que possam conduzir à necessidade de revisão de conceitos ou recusa de soluções previamente apresentadas.

## Bibliografia

### Bibliografia primária

Wittgenstein, Ludwig, *Werkausgabe*, 8. vols, Frankfurt am Main, 1984.

\_\_\_\_\_, *Tagebücher 1914-1916*, in: *Werkausgabe*, vol.1, Frankfurt am Main, 1984.

\_\_\_\_\_, *Philosophische Untersuchungen*, in: *Werkausgabe*, vol.1, Frankfurt am Main, 1984.

\_\_\_\_\_, *Wittgenstein und der Wiener Kreis*, in: *Werkausgabe*, vol.3, Frankfurt am Main, 1984.

Heidegger, Martin, *Wegmarken*, GA 9, Frankfurt am Main, 1996.

\_\_\_\_\_, Brief über den 'Humanismus', in: *Wegmarken*, GA 9, Frankfurt am Main, 1996, pp.311-364.

\_\_\_\_\_, *Die Grundprobleme der Phänomenologie*, GA 24., Frankfurt am Main, 1997.

\_\_\_\_\_, *Metaphysische Anfangsgründe der Logik im Ausgang von Leibniz*, GA 26, Frankfurt am Main, 1990.

\_\_\_\_\_, *Einleitung in die Philosophie*, GA 27, Frankfurt am Main, 2001.

\_\_\_\_\_, *Die Grundbegriffe der Metaphysik, Welt- Endlichkeit- Einsamkeit*, GA 29/30, Frankfurt am Main, 2004.

\_\_\_\_\_, *Ontologie (Hermeneutik der Faktizität)*, GA 63, Frankfurt am Main, 1995.

\_\_\_\_\_, *Sein und Zeit*, Tübingen, 2001.

\_\_\_\_\_, *Unterwegs zur Sprache*, Günther Neske, 2001.

\_\_\_\_\_, *Zollikoner Seminare, Protokolle- Gespräche- Briefe*, hrsg. von Medard Boss, Frankfurt am Main, 3. Aufl., 2006.

\_\_\_\_\_, *Vier Seminare*, Frankfurt am Main, 1977.

## Bibliografia secundária

- Apel, K.-O., Wittgenstein und Heidegger: Die Frage nach dem Sinn von Sein und der Sinnlosigkeitsverdacht gegen alle Metaphysik, in: *Transformation der Philosophie I: Sprachanalytik, Semiotik, Hermeneutik*, Frankfurt am Main, 1973.
- Carnap, R., Die Überwindung der Metaphysik durch logische Analyse der Sprache, in: *Erkenntnis* 2, 1932, S. 219-241.
- Cuter, João Virgílio, *A Teoria da Figuração e a Teoria dos Tipos: O Tractatus no contexto do projeto logicista*, São Paulo, 1993. Tese (Doutorado em Filosofia), FFCLH, Universidade de São Paulo.
- Dubsky, Richard, *A Comparison of Heidegger and Wittgenstein's Departure from Traditional Formulations of World, Language and Truth*, Pittsburgh, 1988.
- Edward, James C., *The Authority of Language, Heidegger, Wittgenstein and the Threat of philosophical Nihilism*, Tampa, 1990.
- Gadamer, H.G., *Wahrheit und Methode, Hermeneutik I, Gesammelte Werke*, vol. 1, Tübingen, Mohr Siebeck, 1999.
- Giannotti, José A., *Apresentação do Mundo – Considerações sobre o Pensamento de Ludwig Wittgenstein*, São Paulo, Companhia das Letras, 1995.
- Fay, Thomas A, *The Ontological Difference in Early Heidegger and Wittgenstein*, in: *Kant-Studien* 82, 319-328, 1991.
- Furuta, Hirokiyo, *Wittgenstein und Heidegger. „Sinn“ und „Logik“ in der Tradition der analytischen Philosophie*, Würzburg, 1996.
- Habermas, J., “Vorlesungen zur einer sprachtheoretischen Grundlegung der Soziologie”, *Vorstudien und Ergänzungen zur Theorie des kommunikativen Handelns*, Suhrkamp, 1984.

- Harries, K., Wittgenstein und Heidegger: The Relationship of the Philosopher to Language, in: *Journal of Value Inquiry* 2, 1968, S. 281-291.
- Horgby, I., The Double Awareness in Heidegger and Wittgenstein, in: Dufee, *Analytic Philosophy and Phenomenology*, S.96-124.
- Loparic, Z., “O fim da Metafísica em Carnap e Heidegger”, in: De Boni (org.), *Festschrift em homenagem a Ernildo Stein*, Vozes, Petrópolis, 1996, pp. 782-803.
- \_\_\_\_\_, *A Semântica Transcendental de Kant*, Campinas; UNICAMP, 2000.
- \_\_\_\_\_, *Sobre a Responsabilidade*, Edipucrs, Porto Alegre, 2003.
- \_\_\_\_\_, “Ètica Originária e Práxis Racionalizada”, in: *Sobre a Responsabilidade*, Edipucrs, Porto Alegre, 2003, pp. 61-136.
- \_\_\_\_\_, *Ètica e Finitude*, Editora Escuta, São Paulo, 2004.
- Mandel, R., Heidegger and Wittgenstein. A Second Kantian Revolution, in: Murray, *Heidegger an Modern Philosophy*, S. 259-269.
- McGuinness, Brian u.a., *Der Löwe spricht... und wir könne ihn nicht verstehen*, Frankfurt am Main, Suhrkamp, 1991.
- Mulhall, Stephen, *On Being in the World: Wittgenstein and Heidegger on Seeing Aspects*, London, 1990.
- \_\_\_\_\_, *Inheritance and Originality. Wittgenstein, Heidegger, Kierkegaard*, Oxford, 2001.
- Murray, M., (Hg.), *Heidegger an Modern Philosophy*, New Haven, 1978.
- Murray, M., A Note on Wittgenstein and Heidegger, in: *Philosophical Review* 83 (1974), S. 201-503.
- Nunes, Benedito, *Passagem para o Poético, Filosofia e Poesia em Heidegger*, Editora Àtica, São Paulo, 1992.
- Pinto, Paulo Margutti, *Iniciação ao Silêncio*, Editora Loyola, 1998.
- Rorty, Richard, Wittgenstein, Heidegger, and the Reification of language, in: *The Cambridge Companion to Heidegger*, Cambridge University Press, 1993, p.337-357.

- \_\_\_\_\_, Wittgenstein und Heidegger und die Hypostasierung der Sprache, in: McGuinness, Brian u.a., *Der Löwe spricht... und wir könne ihn nicht verstehen*, Frankfurt am Main, Suhrkamp, 1991. p. 69-93.
- Santos, Luiz H. L., “A Essência da Proposição e a Essência do Mundo”, ensaio introdutório à tradução do *Tractatus Logico-Philosophicus*, São Paulo, Edusp, 1994.
- Sefler, G.F., *Language and the World, A Methodical Synthesis within the Writings of Martin Heidegger and Ludwig Wittgenstein*, Atlantic Highlands, 1974.
- Schaper, Eva, Symposium on Saying and Showing in Heidegger an Wittgenstein, in: *Journal of the British Society for Phenomenology* 3.1, 1972, S. 36-41.
- Stern, D., Heidegger and Wittgenstein on the Subject of Kantian Philosophy, in: David E. Klemm/Günter Zöller (Hg.), *Figuring the Self: Subject, Absolute, and Others in Classical German Philosophy*, Albany, 1997.
- Stenius, E., *Wittgenstein's Tractatus: A Critical Exposition of its Main Lines of Thought*, Westport, Greenwood Press, 1981.